

## DIMENSÃO SOCIAL E EDUCATIVA DA ARTE

Andréa Gonçalves Praun<sup>1</sup>

Saturnino de La Torre<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho aborda a questão do ensino de Artes sob o ponto de vista de sua dimensão social educativa. Em sua dimensão social, o ensino de Artes se apresenta como um importante fator de expressão cultural, propiciando ao aluno desenvolvimento do pensamento artístico e da imaginação criativa. Permite, ainda, a inserção do aluno em seu próprio universo cultural e histórico. Em sua dimensão educativa, o ensino de Artes contribui para o surgimento das condições necessárias à aprendizagem, como a capacidade criadora, a flexibilidade, a sensibilidade e o senso crítico. Assim considerado o ensino de Artes deixa de ser um acessório dentro do currículo escolar, assumindo a condição de disciplina essencial para a formação integral do educando.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Criatividade; Conhecimento; Artes; Complexidade

## DIMANSIÓN SOCIAL Y EDUCATIVA DEL ARTE

**Resumen:** Ese trabajo apunta sobre la enseñanza del Arte en su dimensión social educativa. En su dimensión social, la enseñanza del Arte se presenta como un importante factor de expresión cultural, propiciando al alumnado el desarrollo del pensamiento artístico y de la imaginación creativa. Permite, todavía, la inserción del alumnado en su propio universo cultural e histórico. En su dimensión educativa, la enseñanza del Arte contribuye para el surgimiento de las condiciones necesarias al aprendizaje, como la capacidad creadora, la flexibilidad, la sensibilidad y el censo crítico. De esa forma considerada, la enseñanza del Arte deja de ser un accesorio dentro del currículo escolar, asumiendo la condición de disciplina esencial para la formación integral del educando.

**Keywords:** Interdisciplinariedad; Creatividad; Conocimiento; Arte; Complejidad

## Introdução

A era da fragmentação disciplinar está chegando ao seu fim. Temos a convicção de que a realidade somente pode ser abordada em toda sua complexidade, desde os conhecimentos que gera entre, através de, e mais além das disciplinas. As novas tecnologias e a nova visão da Sociedade do Conhecimento estão favorecendo essas mudanças aceleradas. Cada vez são em maior número as vozes dos diferentes campos científicos que requerem um diálogo fecundo e sincero entre os diferentes saberes. E isso deve integrar-se às novas visões teóricas do conhecimento (epistemologia e metodologia), na formação docente, e atingir a sala de aula através de planos de estudo nos quais a interdisciplinaridade não se ensina, se vive. É a essência de uma nova visão da realidade, da sociedade e do conhecimento que se projetam no âmbito educativo.

<sup>1</sup> Dr<sup>a</sup>. em Educação – Universidade de Barcelona – E-mail : [a.nuarp72@gmail.com](mailto:a.nuarp72@gmail.com)

<sup>2</sup> Dr. em Educação – Universidade de Barcelona – E-mail: [sentipensar@yahoo.es](mailto:sentipensar@yahoo.es)

Se aceitarmos que a ciência somente deve ocupar-se do mundo físico, de fenômenos que podem ser repetidos e mensurados, então estaremos excluindo uma vertente do ser humano e da vida e, conseqüentemente, uma parte importante da realidade. O objetivo não é equivalente à realidade, e sim uma maneira de aproximar-se do objeto. Além do mundo da matéria que a ciência positiva *newtoniana* vem explorando tão eficazmente, existe o mundo intersubjetivo das emoções e sentimentos, das intuições, das premonições, dos valores e aspirações espirituais, da consciência e do desconhecido e um campo pouco valorizado que está oculto sob o conceito de *energia sutil*. Muitos desses fenômenos não são aceitos pela ciência positiva, não porque não sejam reais, mas porque ainda não possuímos instrumentos que nos permitam observá-los ou estabelecer sua correspondência com os fenômenos físicos.

Ante o dilema de excluir da ciência tudo aquilo que não seja mensurável ou aceitar o desafio de abranger como objeto de pesquisa fenômenos não mensuráveis e contestáveis ao estilo dos materiais, optamos por este último. E o aceitamos sabendo de que precisamos de outro paradigma e de outra metodologia de rigor científico, que nos permita explorar esses campos através de evidências refutáveis ou falsas, em termos de Karl Popper. A interpretação quântica da realidade seria um desses campos interdisciplinares, assim como a aura de qualquer ser vivo.

Esse novo olhar pesquisador e formativo nos ajuda a integrar as áreas de conhecimento de um paradigma educativo humanista, social e ecológico, apoiado na busca de um novo modelo de desenvolvimento humano em seu aspecto social, pessoal, relacional e vital. Um olhar da pesquisa e da formação com base em valores humanos, e no desenvolvimento da consciência, na criação de redes e campos de ensino e aprendizagem. Em suma, em um novo âmbito de construção colaborativa de significados. Entendemos, pois, o interdisciplinar, como um olhar diferente da realidade e de seus diferentes níveis, fruto da percepção e da consciência. Sendo assim, o interdisciplinar não se identifica com teorias, paradigmas ou modelos, e sim com *um modo diferente de olhar tudo* quanto acontece no universo, seja tangível ou intangível.

Neste artigo, abordamos o ensino de Artes na educação básica como o elemento capaz de catalisar os conteúdos programáticos das demais disciplinas. Capaz, também, de contribuir para o desenvolvimento do pensamento complexo, por meio do qual o educando tornar-se-a mais apto a perceber, compreender e questionar a realidade na qual está inserido.

## **1. Papel da Arte na Educação do século XXI.**

A arte, na proposta educativa brasileira atual, tem uma função tão importante no processo de ensino-aprendizagem como os outros conhecimentos. O propósito da arte como

disciplina do currículo escolar é propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico e a percepção estética, ou seja, a sensibilidade, a percepção e a imaginação criativa. A disciplina de Artes possibilita aos alunos o relacionamento com outras disciplinas. O aluno que conhece arte pode compreender melhor e mais claramente um determinado período da história; ao desenvolver a criatividade, esse aluno estará mais habilitado para produzir um texto ou para desenvolver estratégias pessoais de resolução de problema. O conhecimento da arte proporciona uma compreensão do mundo através de uma visão estética. A arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que se podem mudar as referências a cada momento e que se pode ser flexível. Criação e conhecimento são indissociáveis e a flexibilidade é condição imprescindível para a aprendizagem.

O ser humano que conhece da arte tem uma experiência ilimitada que ultrapassa a dimensão do sonho, imaginação, da força comunicativa dos objetos, ao seu redor, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentimento da vida. (SEF, 1997:21)

O ensino de Artes nas escolas deve ser elemento catalisador através do qual os conteúdos das outras disciplinas adquirem sentido na construção contínua da individualidade humana e da sociedade cidadã. É através da escola que o indivíduo compreende sua participação social e política e também seus direitos e deveres como membro de uma sociedade organizada. Todas as disciplinas do currículo escolar devem ajudar para que o aluno se posicione de uma maneira crítica, criativa, responsável e construtiva na sociedade, reconhecendo as diferentes situações sociais que envolvem o ser humano. A arte desenvolve o conhecimento de si mesmo, de seus semelhantes, de sua cultura, de suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social.

Quando se utilizam as diferentes linguagens (verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal) como meios para produzir, expressar e comunicar idéias, o educando torna-se mais apto para perceber e questionar a realidade. A criatividade, aliada ao pensamento lógico, é um elemento importante na seleção de procedimentos para a resolução de problemas. Sendo assim, o ensino de Artes deixa de ser um acessório dentro do currículo escolar e passa a ocupar uma posição de importância como elemento essencial para a formação integral do indivíduo (Forquim, 1993:34). O ensino de Artes nos colégios não tem como objetivo transformar os alunos em artistas, pois a arte na educação tem como principal objetivo desenvolver a sensibilidade natural de cada educando, estimulando sua criatividade e a manifestação de suas emoções através dos diversos meios dos quais a arte se dispõe.

A arte apresenta-se nas sociedades como importante fator de expressão cultural. Através dos conhecimentos adquiridos no estudo de Artes, o aluno passa a ter uma nova e ampliada visão do mundo. Passa a perceber que a existência baseia-se em uma contínua transformação, e que é preciso flexibilidade para acompanhar essa transformação. A criatividade e o conhecimento são indissociáveis, e a flexibilidade é condição fundamental para o aprendizado. Segundo os PCNs (1997:20), “*a Arte também está presente em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades. O conhecimento em Artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos.*” Na educação, numa época em que se preconiza a interdisciplinaridade, o ensino de Artes pode ser utilizado como elemento catalizador na construção, pelo aluno, dos conhecimentos pertinentes a todas as demais disciplinas.

### **1.1. Fatores que favorecem o desenvolvimento da criatividade**

Um dos fatores que favorecem a criatividade nas aulas de Artes é a possibilidade de o aluno escolher com liberdade a forma de expressão mais adequada ao seu propósito. Ao tentar expressar uma idéia, um sentimento, uma emoção, um conhecimento, o aluno deve poder escolher a forma de expressão que mais seja condizente com sua individualidade. Outro fator relevante é o clima em que se desenvolvem as atividades criadoras das aulas de Artes: professores qualificados, salas adequadas, material pedagógico necessário, disciplina de Artes valorizada no contexto curricular. Além desses fatores, a sintonia entre a formação proporcionada pela Universidade e as escolas de Ensino Fundamental é de suma importância. As entidades formadoras devem conhecer a fundo a realidade dos colégios. E esses, por sua vez, devem estar abertos às mudanças e propostas que os universitários possam apresentar. O acesso dos estagiários da Universidade pode representar novas perspectivas, cada vez mais atuais e promissoras para o ensino de Artes nas escolas. Em contrapartida, é nos colégios que os Universitários vão encontrar a confirmação prática dos ensinamentos teóricos aprendidos na Universidade. Esse intercâmbio proporcionará o aperfeiçoamento mútuo das instituições responsáveis pelo ensino de Artes.

A busca de um novo caminho para as aulas de Artes nos colégios, encontra respaldo em Morin (2003), que diz, citando Antônio Machado: “*Caminhante, não há caminho; o caminho se faz ao caminhar.*” Isso não significa que se deva ministrar aulas de Artes aleatoriamente, mas que ao planejar as aulas de Artes, seja considerado o tempo necessário para seu desenvolvimento, assim como que elas possam ser continuamente repensadas. Da mesma forma, deve existir uma sequência que ajude o aluno a desenvolver seu senso estético,

sua autoestima, e todas as demais aptidões que estão relacionadas ao emocional mais que ao intelecto.

Do modo como se encontram atualmente estruturadas, as aulas de Artes impedem a concretização dos objetivos estabelecidos nos PCNs (1997). Essas aulas devem possibilitar a aproximação do aluno à produção cultural brasileira e internacional. Isso não significa que a criação desse aluno deva submeter-se a padrões estéticos pré-estabelecidos. Cabe ao professor propiciar aos alunos as oportunidades de vivenciarem diferentes formas de arte. Um espaço apropriado para as aulas de Artes será mais estimulante à medida que contiver os elementos relativos à cultura, como vídeos, livros, material didático e alternativo, reprodução impressa de telas e obras de arte, ao alcance dos alunos.

## **2. Enfoque no pensamento complexo.**

As aulas de Artes devem contribuir, também, para o desenvolvimento de outras habilidades necessárias ao convívio em sociedade: cooperação, sociabilidade, espírito crítico, senso de organização, senso estético, entre outros. Morin (2003: 33-37) estabelece um conjunto de princípios metodológicos que constituem um método ou caminho para chegar ao pensamento complexo. Esses princípios podem ser aplicados às aulas de Artes.

### **2.1.Princípio sistêmico ou organizacional**

A arte se apresenta sob diferentes formas de expressão: Artes Cênicas, Artes Plásticas e Música, entre outras. Cada uma dessas formas constitui uma parte desse todo chamado Arte. Compreender a inter-relação entre essas formas de comunicação humana, como possibilidades de expressão do pensamento individual, de um povo ou de uma época, abre perspectivas para a inserção do aluno na sociedade em que ele vive. Além disso, a Arte como disciplina é parte do todo constituído pela soma de todas as disciplinas do currículo. Dessa forma, deve estar inserida no contexto, merecendo o mesmo grau de importância que as outras disciplinas. Pode e deve *contribuir para o desenvolvimento de competências necessárias à aprendizagem dos conteúdos* de outras disciplinas: senso crítico e estético, raciocínio, sensibilidade, criatividade, entre outros.

### **2.2.Princípio hologramático**

As diferentes linguagens em que a arte se manifesta se inter-relacionam e se combinam de tal forma que, estudando-se as tendências das artes visuais, por exemplo, compreende-se as características literárias de uma determinada época. Um espetáculo cênico é complementado pelo cenário e pela música. A melodia de uma ópera faz mais sentido quando se imaginam ou se vêem as cenas representadas pelos cantores.

A arte possibilita também, a expressão dos conhecimentos adquiridos nas demais disciplinas. O conceito de ângulo fica mais claro a partir do traçado das linhas que compõem um ângulo. A visualização de uma cena descrita em um texto, através de sua concretização em imagens e cores, possibilita outra compreensão e um diferente sentir do texto. Um conceito científico ou filosófico pode ser expressado através de uma dramatização, de um diálogo.

### **2.3.Princípio da retroatividade.**

O estudo da arte e a própria produção artística podem ser desenvolvidos de forma não linear. Não existe uma única direção a ser seguida. Navegar pela arte possibilita novas descobertas, cujas consequências podem ser retroações negativas, que tendem a estabilizar o sistema, ou positivas, que o levam a novas e incertas posições. As causas agem sobre os efeitos e vice-versa. O estudo da técnica resulta numa melhor expressão do pensamento em forma de arte. A busca de uma expressão mais perfeita gera necessidade de maior estado da técnica ou de técnicas.

### **2.4.Princípio da recursividade.**

O processo artístico não se esgota com a produção do objeto artístico. A reflexão sobre as diferentes técnicas, as escolas, as modalidades artísticas, constitui o elemento propulsor da própria arte. A produção artística, que surge a partir da criatividade, é valorizada e impulsionada pelo conhecimento que essa reflexão produz. Dessa forma, o estudo da arte é parte integrante da própria Arte, fazendo com que a produção artística seja fomentada e cada vez mais valorizada.

### **2.5.Princípio da autonomia/dependência**

A arte será sempre a fonte em que professores e alunos buscarão a inspiração para realizar seu trabalho escolar. A criação do aluno, mesmo que embebida de arte já produzida

pela humanidade, será autônoma, porque é regida pela individualidade e pela história desse aluno.

## 2.6. Princípio dialógico

O estudo da obra de arte permite a aplicação do princípio dialógico, uma vez que o aluno estuda a obra, as características, o autor, as tendências da época. E, ao mesmo tempo, faz a releitura dessa obra, inserindo sua própria visão em contraposição à visão do autor. Desse diálogo entre autor e leitor, obra e estudante, surgem os pensamentos que se completam ou que se excluem, no desenvolvimento de um novo fenômeno: o trabalho do aluno.

## 2.7. Princípio da reintrodução do sujeito cognoscente em todo o conhecimento

Professor e aluno são sujeitos de suas respectivas atividades docentes e discentes. O professor, como organizador do método, observador do progresso do aluno, orientador das atividades, continuamente reorganizador de todo o processo: alguém que conhece e pensa. O aluno, como sujeito que se esforça por descobrir, que duvida e que busca, que questiona e que produz de acordo com sua sensibilidade, sua **criatividade** e seu próprio empenho: alguém que pensa e que quer conhecer. Morin (2003) diz também que qualquer atividade metódica pressupõe um paradigma que dirige uma práxis cognitiva. *“Diante de um paradigma simplificador que consiste em isolar, desunir e justapor, propomos um pensamento complexo que reata, articula, compreende e que por sua vez, desenvolve sua própria autocrítica.”* (Morin, 2003:37). As aulas de Artes no Ensino Fundamental sugerem um ensino que **integre, articule e governe** a fragmentação dos saberes adquiridos. É proposta que deve apresentar como objetivos o **desenvolvimento da criatividade do aluno**, o acesso à cultura brasileira e universal, o aprendizado do saber, o desenvolvimento pessoal, a melhoria da autoestima do aluno. Um ensino de Artes que possibilite, inclusive, a superação das limitações próprias do ser humano e a autoaprendizagem.

## 3. Princípios e estratégias para uma Educação Formativa

### 3.1 Princípios teórico-epistemológicos

- a. Entendemos o *conceito interdisciplinar* como um olhar interativo e dialógico da realidade, que chega a manifestar-se de múltiplas formas e níveis, com base na capacidade compreensiva e na intencionalidade do observador. A realidade, quando transmissora de significado, é construída. Uma mesma problemática pode ser analisada e compreendida de maneiras diferentes, dependendo do significado que se outorgue a ela. A realidade não é estática nem fixa; está em permanente fluxo e, portanto, é suscetível de múltiplas definições e visões. Por isso, precisamos cruzar os conhecimentos, experiências e vivências provenientes de diferentes campos do saber, desde a rigorosa observação até a vivência pessoal, para conseguir uma maior compreensão.
- b. *O olhar interdisciplinar* se expressa em teorias, princípios, estratégias e valores que se desprendem destes três eixos:
  - b.1. Um enfoque ecossistêmico e holístico em que tudo o que existe ou possa existir está relacionado aos planos de consciência superior.
  - b.2. Os diferentes níveis de realidade não são irreduzíveis e sim complementares, como expressam Laszlo, Nicolescu, D'Ambrósio, entre outros. A realidade físico-natural, a bioantropossocial, a cognitivo-emocional e o próprio campo da experiência vital não são realidades independentes, mas sim, se complementam e interatuam entre si.
  - b.3. A *lógica dialética do terceiro incluído* de Lupasco, Nicolescu, D' Ambrósio, representa uma ruptura da lógica estática aristotélica, e acrescenta um novo olhar de acordo com os avanços da física quântica. Das infinitas possibilidades da ocorrência de um fenômeno, podem dar-se algumas delas de forma simultânea. Aquilo que alguma vez esteve unido pode estar unido novamente.
- c. *A construção de um novo conhecimento pedagógico* não se gera somente em um campo disciplinar. Antes é fruto do diálogo entre as disciplinas atuais e outras que irão surgindo, desde as mais humanistas até a física quântica, a biologia evolucionista, a química ou a neurociência. Porque, como se afirmou no princípio anterior, a separação entre matéria, mente e espírito não só está demonstrada, como também existem cada vez mais evidências de sua inter-relação.
- d. *O saber empírico racional* se enriquece com a parte experiencial e vivencial. A Ecopedagogia é essa nova maneira de compreender e atuar na educação levando em consideração uma vinculação permanente e sustentável entre o sujeito individual, o meio comunitário e social, a natureza e o cosmo, do qual todos fazemos parte.
- e. *No ponto de vista metodológico e pesquisador*, essa cosmovisão nos convida a analisar, interpretar e compreender a realidade com proposições audazes, ao admitir



que se construísse a realidade através da linguagem, de maneira científica, filosófica, tecnológica, poética ou desde a práxis vital. Consideramos realidade ao conjunto de propriedades que a singularizam, com caráter dinâmico, estruturante, inter-relacional. O que nós mesmos observamos não é a realidade pré-construída, e sim aquela parte de realidade exposta ao nosso método de interrogação. O método é o caminho, as estratégias para chegar aonde querem, afirmam Morin, Roger-Ciurana y Motta (2003). Daí o caráter essencial das perguntas em um processo de pesquisa. São elas que nos desvela uma realidade indeterminada. São as perguntas que nos proporcionam novos significados e saberes. Por isso os grandes descobrimentos científicos foram desvelados por mentes criativas, capazes de perguntar-se pelo desconhecido. A abertura mental e a consciência nos abrem a novas realidades.

- f. O conhecimento universitário deve arriscar-se em busca de *novos critérios de racionalidade científica*, teoricamente fundamentados, complementares, de caráter sistêmico, mas suscetíveis de verificação em consonância com essa visão interativa e interdisciplinar e concordando com a lógica dos níveis de realidade. Os pesquisadores deveriam estar guiados por uma atitude aberta, de contínua busca de evidências, de verificação e contrastes, sem se deixar influenciar por pré-concepções racionalistas, e com uma visão imaginativa e criativa, já que estes dois elementos são o motor dos avanços que fizeram avançar a humanidade. Mais que certezas, deveriam preocupar-se em buscar evidências, eliminando no possível o medo ao erro ou ao equívoco. Os erros mostraram-se ferramentas úteis nos grandes descobrimentos científicos e de outra natureza, já que poder refletir sobre eles faz com que se descubram os caminhos, soluções, alternativas, novas propostas... e tantas outras respostas possíveis. Esses critérios, afirmam Torre e Moraes (2006), poderiam sustentar-se sobre os conceitos de credibilidade, intersubjetividade, interatividade, polinização, confirmabilidade e caráter ético. Esses princípios de rigor científico complementaríamos ou substituiríamos os de fiabilidade, validade, generalização, pertinência. Tratar-se-ia de continuar um processo de rastreamento e de construção-reconstrução da percepção com critério de racionalidade. Realçam-se as evidências sem destacar os feitos.
- g. *A evidência como critério de racionalidade*. A racionalidade com base na incerteza do terceiro incluído leva-nos a estar abertos a saberes adquiridos através de outras metodologias ou evidências, desde que eles sejam possíveis, razoáveis ou complementares ao conhecimento científico. Um conhecimento suscetível de verificação, quer dizer, de contraste de evidências, que fundamentem ou refutem as verdades nos níveis de realidade considerados: realidade física (macro e micro),

realidade biossocial, realidade mental-espiritual. O que se apresenta como evidente ou convincente na consciência, pessoal ou coletiva e, portanto, dotado de autonomia própria pela experiência, deve ser aceito como válido desde que não seja desmentido ou refutado por novas evidências. Existem evidências que podem converter-se em verdades universais em uma época histórica, por serem válidas para as sociedades desse período, como o caso da verdade científica e do valor ético. Outras evidências têm um caráter mais restrito, por limitar-se a determinadas sociedades ou culturas, ou por tratar-se de visões muito particulares de *objetivar* a realidade. Constatamos como evidência que a evolução tem lugar seguindo a lógica do mais simples ao mais complexo e do mais próximo ao mais distante e, por isso, os níveis de realidade têm a ver com o grau de desenvolvimento da consciência, conceito que, segundo as últimas teorias da física quântica, não é privativo do homem. Sobretudo é uma categoria essencial do ser humano que lhe permite voltar para dentro de si e reconhecer-se, desde que permita sentir, pensar e atuar. Daí a importância que se deve outorgar ao desenvolvimento da consciência na educação.

- h. *A linguagem simbólica e metafórica*, que tem um papel relevante nesse complexo processo de desvelar e compreender as múltiplas facetas da realidade. Enquanto que o pensamento lógico-educativo é mais analítico e linear, a linguagem metafórica é mais holística, compreensiva e relacional, permitindo-nos uma compreensão mais global e coerente dos fenômenos estudados. Metáforas como a do ciclone, a espiral de desenvolvimento, processos de emergência e de mudanças contínuas da realidade, as fases da borboleta, os meios ecológicos, os cenários e o próprio conceito de *campo de energia* proveniente da física, são potentes organizadores conceituais da realidade social e educativa. O simbolismo é um poderoso recurso da mente para construir arquétipos e modelos explicativos da realidade. Os estudos de Jung nesse sentido proporcionam luz a esse respeito. Em muitas de nossas explicações rotineiras e científicas recorremos a símbolos, analogias e arquétipos que nos fazem compreensíveis determinadas realidades. Tal é o sistema solar, o sistema atômico, o DNA em forma de espiral, a árvore do cérebro, os processos cíclicos da natureza, entre outros.
- i. *Conhecimento como sistema dinâmico interativo*. Se a ciência tradicional se baseia em descobrimentos de verdades, estruturas estáveis e leis generalizáveis, o enfoque ecossistêmico e interdisciplinar parte da incerteza, da dúvida, da auto-organização, da recursividade, como princípios epistemológicos, e concebe a realidade (qualquer realidade física, afetiva, social, educativa ou mental) como um sistema dinâmico, com fluxos de energia. Essa é a grande diferença entre uma concepção e outra. Por esse

motivo, ao saber interdisciplinar interessam os acontecimentos, as mudanças, as melhoras, as inovações, mais que as verdades estáticas e fechadas. A meta da pesquisa não é a complacência do conhecimento em si mesmo e sim seu sentido e utilidade social. Saber para transformar e melhorar. A meta é o norte que guia a ação, não o sem-sentido. A meta é esse bem ou valor que marca a direção convergente ou divergente, a pluralidade ou a unidade.

- j. *A relação mente e matéria.* Em uma Teoria integral do todo, como defende Laszlo (2004), tudo que nos rodeia está inter-relacionado ao fazer parte de um *universo informado*. “A matéria e a mente não estão separadas nem são realidades diferentes; são aspectos de uma realidade mais profunda, que tem tanto um aspecto material externo como um aspecto material interno” (LASZLO, 2004). São como dois olhares sobre o que nos rodeia, desde fora (material) e desde dentro (mente). As consequências da visão interdisciplinar são numerosas tanto em nível epistemológico como educativo. Esses dois conceitos se inter-relacionam e se potenciam mutuamente.
- k. *Evolução da consciência humana.* Uma visão interdisciplinar clama por uma ampliação da consciência, passando da consciência individual para a consciência coletiva, cósmica ou akásica, como afirma Laszlo. Se a consciência é transpessoal, evolui para níveis superiores, orientando o sujeito aos sentimentos, à autenticidade, à solidariedade, à generosidade, à cooperação, ao sentir-se membro ativo de uma coletividade universal. A educação tem um papel fundamental nessa transformação para uma consciência espiritual e criativa. A mudança de consciência pessoal contribui com a mudança da consciência coletiva.

### **3.1.2. Princípios estratégicos e didáticos**

As consequências educativas que se desprendem de um olhar interdisciplinar se centram nas relações dinâmicas que se estabelecem entre os diferentes componentes do processo formativo, tanto pessoais como organizativos, comunitários, sociais e meio-ambientais. A educação se fundamenta não somente em princípios provenientes de disciplinas como Filosofia, Psicologia, Sociologia ou Antropologia, mas, sim, em princípios éticos e axiológicos que promovem o desenvolvimento da consciência pessoal e social. Consciência e ética são conceitos nucleares da visão interdisciplinar. *Não existe educação sem consciência e escala de valor.* Conceitos como saúde, educação, corporeidade, natureza, sociedade, economia ou política, estão presentes, de um modo ou de outro, no processo do

desenvolvimento humano. Vejamos alguns indicadores ou estratégias concretas que devemos levar em conta na formação de professores.

1. Sendo as evidências o principal veículo de busca e construção de novos conhecimentos, dever-se-ia promover entre os docentes uma atitude de contínua verificação e comparação de certezas e incertezas. Sendo a incerteza e a dúvida um princípio assumido por muitos autores na nova epistemologia, deveríamos fomentar o diálogo e a tolerância diante de posições ou propostas diferentes das nossas.
2. A visão interdisciplinar não é uma subestrutura do conhecimento científico, mas sim um novo olhar interativo sobre o conhecimento disciplinar e outros saberes provenientes de experiências pessoais ou coletivas, vivências ou testemunhos. Em tal sentido, o saber acadêmico deveria dar entrada nessas outras formas de saber, transformadas muitas vezes em profundas crenças. Trabalhar as crenças e teorias implícitas permitirá que adentremos em motivações arraigadas, as quais explicam muitos comportamentos.
3. A nova missão do docente, nessa nova visão interdisciplinar, é criar situações e condições de aprendizagem; criar condições favoráveis à aprendizagem; conhecer os sujeitos, os conteúdos e o meio; conhecer os processos e estratégia para sua implicação. A aprendizagem não se ensina, não se compra, nem se vende; promove-se, alenta-se e reconhece.
4. A ação formativa mais eficaz por parte do discente é acreditar em si e em suas capacidades para conseguir as metas às quais se propõe. Daí a importância de ele ter projetos e sonhos para alcançar e de estar preparado para as oportunidades. O êxito se esconde muitas vezes por detrás da curiosidade, da imaginação, da criatividade, do entusiasmo e do compromisso. A boa ou má sorte está em cada um de nós e na capacidade de resiliência que pode alcançar cada uma das pessoas em nível individual e coletivo, frente aos acontecimentos adversos que encontramos.
5. As implicações pedagógicas e didáticas dessa nova visão resultam evidentes, destacando-se entre outras:
  - a) A *inter-relação* entre todos os elementos de um sistema, seja ele educativo, de centro, ou de aula, é determinante para explicar qualquer acontecimento concreto e sua relação com o contexto.
  - b) A presença de *referentes de valores, normas e saberes* é fundamental no espaço aberto em que a formação não somente se atribui à organização dos conteúdos conceituais acadêmicos na aula, mas sim ao meio social e culturalmente

enriquecido, aos recursos, procedimentos, estratégias, materiais e estímulos favorecedores de capacidades, competências e espírito criativo.

- c) A incorporação de *situações didáticas, cenários e climas* nos quais o sujeito em formação vivencia não somente a cultura, e sim as aptidões, atitudes e valores. Esses cenários são espaços de diálogo não somente entre as pessoas, mas também entre conceitos e disciplinas.
- d) A presença de *redes de aprendizagem* é nuclear nessa nova concepção, instituindo-se como espaços formativos fora da aula. Essas redes de aprendizagem podem ter um suporte digital ou virtual de índole textual, visual, corporal ou motriz. Os sentidos adquirem um papel importante. As redes podem estabelecer-se em torno de uma temática ou problemática de interesse individual ou coletivo, com o fim de enriquecer-se.
- e) *A aprendizagem fora da aula*, através dos estímulos do meio e dos meios, se constitui em espaço formativo convenientemente orientado. Cinema, teatro, experiência, poesia, relatos, meios audiovisuais e musicais, internet são alguns dos recursos que favorecem a implicação emocional e os processos de sentipensar.
- f) *O planejamento* segue tendo seu papel para marcar a direção, mas, uma vez iniciado, o processo adota um sentido flexível, dado que os sucessos imprevistos podem constituir ricos meios de aprendizagem. Um planejamento aberto ao imprevisto é o que é capaz de incorporar interesses e realidades, visões diferentes que fazem com que cada uma das ações, pensamentos ou sentimentos vão melhorando e respondendo a um sentido inovador.
- g) *O desenvolvimento da consciência e a construção de significados* se convertem em eixos da nova educação. Desenvolver a consciência pessoal e social há de ser uma das metas de todo o sistema educativo. A ampliação da consciência e dos respectivos níveis é o melhor indicador do progresso interior e de aprendizagem.
- h) *O sistema de avaliação* das aprendizagens há de adaptar-se aos novos objetivos e estratégias, valorizando o progresso, as mudanças, a ampliação da consciência e a utilidade ou uso que o discente faça do conhecimento. Deve considerar, também, a parte emocional e de satisfação do educando. É importante, ainda, a avaliação do processo, que nos permite ir recanalizando nossa ação docente. A pergunta-chave seria: Em que medida pode o discente expressar seu grau de satisfação e de sucesso? A avaliação deve facilitar o desenvolvimento de habilidades de auto-organização, tanto dos sujeitos como dos coletivos, e favorecer os processos autoavaliativos, com ênfase na participação, colaboração e transformação.

6. Destacar também a dimensão inclusiva e ética das ações educativas, uma ética da diversidade com base na solidariedade, responsabilidade e sustentabilidade. Inclusão e aceitação do outro em sua alteridade são conceitos importantes nessa visão educadora.

## Conclusão

As constantes transformações pelas quais passa a sociedade exigem que a escola acompanhe a evolução social. Dessa forma, torna-se imprescindível que a escola considere em seu currículo escolar:

1. Uma nova visão interdisciplinar de educação; ou seja, que contemple um olhar interativo sobre os saberes acadêmicos e extraescolares;
2. A adequação dos paradigmas educativos à visão humanista, social e ecológica de desenvolvimento humano;
3. A valorização do ensino de Artes como disciplina capaz de proporcionar ao aluno o conhecimento de si mesmo, de seus semelhantes, de sua cultura, de suas capacidades afetivas, física, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social;
4. A compreensão do ensino de Artes como componente curricular fundamental para o desenvolvimento das competências necessárias à aprendizagem dos conteúdos pertinentes às demais disciplinas: senso crítico e estético; raciocínio lógico; sensibilidade; criatividade; senso de organização; além das habilidades necessárias ao convívio social como a cooperação e a sociabilidade.

## Referências Bibliográficas

- Laszlo, E. (2008). **A ciência do Campo Akásico**. *Uma Teoria Integral de Tudo*. São Paulo: Cultrix.
- Moraes, M. C. e Torre, S. de la. (2004). **Sentipensar**. *Fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Praun, G. A. (2005). **Una mirada creativa en la enseñanza del Arte**. Tese doctoral.
- Torre, S. de La. (2008). **Criatividade Aplicada**. *Recursos para uma formação criativa*. São Paulo: Madras.
- Torre, S. de La. (2007). **Transdisciplinariedad y Ecoformación**. *Una nueva mirada sobre la educación*. Madrid: editorial Universitas.